



Em numerosos países da Europa celebra-se a vitória das tropas aliadas sobre a Alemanha nazi na Segunda Guerra Mundial, facto especialmente importante quando assistimos a um reforço generalizado das organizações fascistas, e os grandes mitos reproduzem-se. Uma vez mais se evocará como facto transcendente o desembarque das tropas aliadas na Normandia... e se desvalorizará o facto transcendente da libertação da maior parte da Europa pela União Soviética, que pagou por isso o duríssimo preço de vinte milhões de mortos. Quase ninguém falará de como os governos aliados fizeram orelhas moucas aos repetidos pedidos de Moscovo de abrirem uma frente no oeste, e que só levaram a cabo a "Operação Overlord" em Junho de 1944, bem a tempo de impedir a entrada do Exército Vermelho em Berlim<sup>1</sup>, coisa que não conseguiram.

O objectivo de colocar a intervenção dos EUA como decisiva para a vitória, chave para impor a reconstrução europeia sob a sua hegemonia, em particular através da NATO, tem também outro episódio, de especial importância para nós: suposto o da suposta libertação do Campo de Mauthausen por tropas norte-americanas.

---

<sup>1</sup> **Pauwels**, Jacques, R (2000) *El mito de la guerra buena*. Editorial Hiru

O mito é repetido apesar da existência de um documento gráfico bem conhecido: a foto da chegada ao campo de veículos blindados dos EUA, em que se vêem centenas de prisioneiros sob uma enorme faixa sobre a porta de entrada na qual se lê "Os espanhóis antifascistas saúdam as forças libertadoras". A questão é óbvia: quem tinha libertado Mauthausen quando os americanos chegaram?

A história da organização da resistência dentro do Campo, protagonizada pelos comunistas espanhóis, está documentada e tem imenso valor. Em Mauthausen, ao contrário do que aconteceu em outros campos nazis em que o extermínio ocorreu praticamente sem oposição, forjou-se ao longo de quatro anos uma importante organização clandestina internacional que salvou centenas de vidas e libertou o campo antes da chegada das tropas aliadas.

O feito, desconhecido pela imensa maioria e realizado nas mais duras condições imagináveis, está cheio de apelidos espanhóis.

Existem alguns documentos, mas sem dúvida foi o comunista espanhol Mariano Constante<sup>2</sup>, quem a relatou com tal rigor histórico, que ficou conhecido como o "notário de Mauthausen". Baseio-me no seu relato.

### **Começa a organização.**

A organização começou a tomar forma em 22 de Junho de 1941. As tropas nazis ocupavam país atrás de país, começou a invasão da URSS e tudo parecia afundar-se. Nessa noite a Direcção decidiu desinfetar o campo e concentrou todos os prisioneiros, nus, sob um frio intenso, nas garagens. Ali os membros do Partido Comunista de Espanha decidiram organizar-se, eleger oito deles para a direcção e tratar de alargar a organização a outros compatriotas. O germe do Comité Internacional de Mauthausen havia sido estabelecido. O objectivo principal era manter a moral e os princípios no meio da barbárie. Constante explica-o assim: "Tratava-se de fazer uns e outros compreenderem que, para lutar no interior do campo, era necessário ter uma vontade inquebrantável de combate e esperança, sem a qual nada era possível; ter confiança na vitória final; lutar contra a depravação e a corrupção, evitando jogar o jogo dos SS, para prejudicar outros presos políticos; solidariedade total em qualquer momento e circunstância; fazer todo o possível para evitar que os de "delito comum" nos roubassem a nossa escassa comida; tentar introduzir espanhóis de confiança nos locais de trabalho onde houvesse possibilidades de ajudar os outros e, tanto quanto possível, também nas casernas; obter informações e vigiar a conduta dos SS, a fim de lhe fazer frente e antecipar as suas reacções; estabelecer contacto com os deportados políticos de outras nacionalidades. "

---

<sup>2</sup> **Constante**, Mariano (1974). *Los años rojos*. Editorial Círculo de Lectores.

As actividades incluíam trazer alguns gramas de alimentação suplementar aos mais fracos e tentar poupá-los aos trabalhos mais duros, alcançar posições que permitissem a mobilidade dentro do campo, esconder os doentes para que não fossem exterminados ou realizar pequenos actos de sabotagem, como quebrar uma ferramenta para "demorar a sua produção destruindo parte - uma ínfima parte, é certo - do potencial de guerra do III Reich."

Pouco a pouco, a organização alarga-se com a chegada, a partir do início de 1942, de presos políticos de todos os países europeus, alguns deles ex-combatentes das Brigadas Internacionais. A organização vai conseguindo introduzir camaradas de confiança na cozinha, na limpeza, na enfermaria ou nos escritórios da administração. A teia de aranha ia-se tecendo. Na segunda metade de 1942, no meio das matanças e da tortura, as notícias da resistência soviética e a posterior derrota dos nazis em Estalinegrado, reforçam a confiança na vitória dos que nela haviam acreditado quando não existia um qualquer raio de esperança.

A chegada de um importante contingente de deportados franceses entre 1943 e 1944, comunistas, socialistas, católicos e sobretudo dirigentes militares da Resistência, permite o fortalecimento do Comité Internacional e, acima de tudo, a constituição do Aparelho Militar Internacional (AMI). O aragonês Miguel Malle foi o responsável máximo do Estado-Maior (MS) da AMI, integrado por quatro membros, entre os quais estavam o dirigente checo das Brigadas Internacionais, Arthur London, e Mariano Constante. O coronel soviético Pirogoff juntou-se também a este aparelho.

A rede fortalece-se, apesar das contínuas baixas, e conseguem aceder a um aparelho de rádio que membros da SS tinham escondido, que lhes permite obter informações emitidas por Londres ou Moscovo. Meses depois, além do contínuo roubo de armas aos SS, a organização obtém um novo recurso: um aparelho de rádio próprio, que conseguem introduzir escondido num recipiente de lixo.

Em Abril de 1945, enquanto se sucediam as derrotas alemãs - os norte-americanos bombardearam a cidade vizinha de Linz e os soviéticos tinham ocupado Viena - chegou a notícia de que o comandante do campo, Ziereis, tinha recebido ordem de Himmler de liquidar todos os prisioneiros. Seria executada aproveitando um alarme antiaéreo, verdadeiro ou falso, e seriam eliminados por meio de uma gigantesca explosão provocada nos espaços que estavam já a ser acondicionado pelos próprios presos, dentro dos quais seriam previamente gaseados.

A organização clandestina acelera, intensificando a obtenção de informações através de documentos obtidos pelos que limpavam os escritórios, fazendo vigílias nocturnas, retirando do Campo documentos e fotografias tiradas clandestinamente pelo fotógrafo Paco Boix que atestavam a barbárie do extermínio e as visitas dos chefes nazis e, sobretudo, garantindo a disciplina e a coordenação para evitar confusões.

## **A libertação**

No final de Abril, o comandante Ziereis deu a ordem de mobilizar os espanhóis para combater as tropas soviéticas que se aproximavam de Mauthausen. Formados frente às metralhadoras apontadas para eles das torres, ninguém deu um passo em frente. "Foi um momento em que tudo podia acontecer e, plenamente conscientes disso, estávamos dispostos a jogar tudo: as pistolas e as garrafas de benzina estavam prontas. Vendo que não iria quebrar a nossa atitude, Ziereis ordenou destroçar as fileiras. Tenho a certeza de que estava com medo".

Poucos dias depois, à noite, os guardas das SS foram substituídos pela guarda urbana de Viena. "Alguns SS capturados após a libertação confirmaram que Ziereis temia uma sublevação geral e preferira retirar para a aldeia de Mauthausen com os seus SS." Uma delegação do Comité Internacional ordenou à guarda urbana que entregasse todas as suas armas.

Em 5 de Maio de 1945, pouco antes das duas da tarde, dois veículos blindados e um jipe do Exército dos EUA entraram no campo. Os guardas fugiram abandonando todas as suas armas.

A grande faixa preparada pelos republicanos espanhóis foi colocada e foi feita a famosa foto.

Quando o Comité Internacional (CI) se dirigiu aos americanos para conhecer as suas intenções e explicar-lhes a situação, o oficial que comandava explicou que aquela era uma patrulha de batedores que se tinha extraviado e que de facto as tropas norte-americanas estavam a 40 quilómetros dali. Quando o CI os informou de que os SS estavam perto "os norte-americanos foram-se embora sem entrar no interior do recinto, prometendo um regresso rápido com meios militares suficientes para nos defender. De modo que ficámos sozinhos para enfrentar o que viesse a surgir ... "

"No campo a confusão era total. Alguns prisioneiros haviam assaltado o arsenal e outros roubavam os armazéns das SS, onde eram guardadas as poucas provisões que restavam. Felizmente, tínhamos uma organização pronta e um aparelho militar disciplinado. Os membros da AMI tinham permanecido nos seus postos, esperando receber ordens do nosso EM. Os chefes militares foram convocados para receber ordens e em poucos minutos todas as disposições necessárias foram tomadas e executadas ". A ordem interna foi reestabelecida e onde antes estavam as SS dando ordens de extermínio, estava agora o Estado Maior Internacional.

A luta não tinha terminado. Combatentes espanhóis e soviéticos de Mauthausen enfrentaram os SS que retiravam da Checoslováquia, fazendo-os fugir após intensos combates. As tropas dos chefes do Campo, Ziereis e Bachmayer estavam do outro lado do Danúbio e preparavam-se para atacar o Campo. Para evitar isso era necessário tomar a dianteira e impedir que atravessassem o rio pela única ponte intacta, a ponte ferroviária. Os combates

dirigidos pelo EM de Mauthausen, em que participaram sobretudo soviéticos, espanhóis e checos, impediram que os primeiros tanques alemães Tiger passassem a ponte.

Em 6 de Maio, os SS fizeram várias tentativas de atravessar o Danúbio, que fracassaram, embora tivessem tanques, canhões e metralhadoras. A resistência do campo só tinha metralhadoras e Panzerfaust (bazucas antitanques) roubadas ao inimigo que estavam a utilizar pela primeira vez. A situação era crítica e a resistência não poderia durar muito, pelo que avaliaram fazer voar a ponte ferroviária com os próprios explosivos que os nazis haviam colocado.

O ataque dos soviéticos da planície de Ens forçou as SS a mover para aí parte dos seus efectivos e a pressão sobre a resistência reduziu-se, mas a luta continuava. "Aquilo era uma Torre de Babel, onde tínhamos que traduzir todas as ordens dadas (...) Por todos os lados tinham sido dadas às tropas alemãs ordens de rendição e Berlim já havia caído nas mãos do exército soviético. No entanto, para nós a luta continuava ... Era o nosso destino. Tínhamos sido os primeiros a lutar contra as hordas hitlerianas e estava escrito que seríamos os últimos a largar as armas".

Finalmente, uma coluna de tanques americanos fez sua aparição e a batalha terminou.

Aguardava os republicanos espanhóis um longo trajecto até chegarem a ser recebidos pela França, mas isso é outra história.

Este relato nada tem a ver com a história oficial. É, no entanto, uma epopeia dirigida por comunistas espanhóis, realizada pelos que decidiram resistir e organizar-se contra o desespero e a morte. É a constatação histórica da continuidade da luta empreendida na guerra espanhola e que se prolongou em solo europeu contra a Alemanha nazi; do uso da experiência organizativa e do combate internacionalista. Da convicção de que a derrota do inimigo mais poderoso é possível sempre que exista a vontade inquebrantável - como eles diziam - de resistir, e a capacidade da organização para vencer.

Será provavelmente por isso que o relato oficial tem tanto interesse em esconder proezas como esta. Eles querem-nos derrotados, desamparados e ignorantes. Cabe-nos a nós reestabelecer o fio vermelho da continuidade histórica da luta, não apenas para lhes render a merecida homenagem, mas também para saber de onde viemos e quem somos.

Nota: Uma parte desta informação obtive-a a partir dos testemunhos de Tomás Martín, irmão de minha mãe e representante do Partido Comunista de Espanha no Comité Internacional de Mauthausen. Mariano Constante e Miguel Malle, consideravam-no seu irmão.

Escrevi um relato biográfico sobre a dimensão política da sua vida que é intitulado "A voz a ti devida"<sup>3</sup>. É uma história particular, mas que tem impresso o mesmo selo de heroísmo, de dor, de firmeza ideológica e de solidariedade que nos legaram milhares de mulheres e homens da melhor geração da nossa história.

---

<sup>3</sup> **Maestro**, Ángeles (2016) *La voz a ti debida*.

<https://redroja.net/index.php/noticias-red-roja/noticias-cercanas/4137-la-voz-a-ti-debida>